

Sammy 19 JUN 1988

O almoço e a conta

ESTADO DE SÃO PAULO

Os laços de amizade que aproximam o presidente Sarney do deputado Ulysses Guimarães não são recentes; incidirá em erro quem acreditar que o primeiromomento dessa fraterna ligação tenha sido a fatídica madrugada de 15 de março de 1985. Os dois engenheiros-chefes do arcabouço político um dia denominado de Aliança Democrática conheciam-se há tempos. Exatamente por isso, pelo mútuo conhecimento de suas personalidades é que pôde revestir-se de êxito absoluto a operação de engenharia política que deveria ter levado ao primeiro posto da Nação o sr. Tancredo Neves. Quando a tragédia ocorreu, nem sequer cogitaram, tanto o ex-senador pelo Maranhão, como o deputado por São Paulo, romper, enfraquecer, os sólidos vínculos que os uniam. Foram muitas as "pedras no caminho", mas a voz da concórdia sempre foi muito mais forte do que qualquer borrasca que pudesse separar os dois amigos.

Por tudo isso, não chega a surpreender a informação de que o dr. Ulysses Guimarães teria ficado especialmente comovido ante recente apelo do sr. José Sarney, ainda uma vez necessitado de fraternal apoio.

Consta que a compunção do presidente da Assembléia Nacional Constituinte se deveria à situação ora vivida pelo presidente da República, que admitiu — durante um almoço, na última segunda-feira, no Palácio da Alvorada — estar sem apoio político-partidário. Na ocasião, em conversa sincera, o sr. Sarney teria ressaltado que o Partido da Frente Liberal se esfacelara em razão de divergências internas insuperáveis, pelo que não mais disporia nem de força nem de unidade para garantir as ações do Planalto.

Manteve-se o tom amigável, mas grave, ao surgir o apelo veemente para que o sr. Guimarães e o seu partido, o PMDB, não abandonassem "o barco" e, muito ao contrário, voltassem a ser a principal base de sustentação político-partidária do governo. O risco de isolamento do Planalto ante a impossibilidade de sólida articulação suprapartidária de apoio sensibilizou sobremaneira o experiente deputado paulista, principalmente à vista do perigo que esta situação representaria para o quadro institucional maior do País. Ora, essa ameaça sempre provocou no *ex-senhor* diretas a mais

serena das reflexões, pelo que, ao final do encontro, Ulysses já emitia sinais perceptíveis de que concordava, e muito, com o teor do chamamento presidencial.

Em verdade, não poderia ser diferente. A história do bom relacionamento destes dois políticos nos últimos anos em nada poderia fazer supor que um deles poderia ver-se abandonado na hora difícil. O dr. Ulysses vive a antevéspera de terrível decisão: apoiar uma das "chapas" à Convenção Nacional do seu partido e, neste caso, assistir ao primeiro enfrentamento interno real desde 1971, quando *precisou* medir forças com Josaphat Marinho, ou então contentar-se com a ingrata função de árbitro da luta fratricida entre as duas tendências que disputam a hegemonia da agremiação.

Nenhuma das opções agrada ao presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro; em ambas o clã se dilacera, levando junto os seus maiores sonhos. Com certeza, o sr. Ulysses não ficou só "rouco de tanto ouvir", durante o almoço com o presidente. A sensibilidade demonstrada à saída é um bom indicativo que disse ou mesmo do

que pode ter ouvido. Ter de volta um alto posto ministerial, talvez o mais importante deles, bem pode ser a melhor das soldas para manter unidas e fortes as vigas do PMDB. Dependendo do tom que emanar do novo Ministério "devolvido" ao dr. Ulysses e aos seus, quantos progressistas ousarão deixar a *vaca leiteira* de votos às vésperas de um pleito que atingirá todos os municípios brasileiros? Quantos projetos de grande apelo popular não foram instantaneamente retirados das gavetas tão logo se soube do resultado do colóquio entre os dois amigos?

À vista das inclinações literárias do presidente, bem se poderá supor que sua conversa ao pé do rádio em que garantiu que "a crise acabou" tenha se inspirado em alegre personagem de Alencar. Já ao falar na Escola Superior de Guerra talvez o inspirasse a passagem camoniana do "Velho de Restelo". Terá, entre estas duas inspirações, ocorrido o encontro com o velho amigo e o desengavetar de antigas "soluções"? Neste caso seria bom lembrar a afirmação de um constituinte por São Paulo, e ex-ministro, de que "não existem almoços grátis".